

# A MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NA INTERNET

## *Mediation in internet communication processes*

Ronei Teodoro da Silva\*  
Roberta Mânica Cardoso\*\*

\*

### RESUMO

Nos últimos anos, é possível verificar uma proliferação de trabalhos que têm como propósito investigar os processos comunicacionais na internet, especialmente aqueles voltados à perspectiva da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) da área dos estudos ciberculturais. No entanto, se observa certa falta de aprofundamento teórico na utilização do termo *mediação* e de uma maior aproximação destas pesquisas com as construções conceituais já realizadas no âmbito dos estudos culturais, nos quais encontra-se vasta literatura sobre o tema. Para isso, seguimos os procedimentos metodológicos recomendados pela pesquisa bibliográfica, buscando mapear as discussões mais recentes e/ou relevantes em torno do assunto com o objetivo de problematizar a questão e traçar alguns apontamentos teóricos. Ao final, propõe-se um caminho teórico-metodológico, com o intuito de auxiliar aqueles que desejam produzir pesquisas nesse campo.

**Palavras-chave:** Mediação. Cibercultura. Estudos culturais. Comunicação.

---

\* Professor no curso de Graduação e Pós-Graduação da área de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências Sociais pela Unisinos. Graduado em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda pela Unisinos (2004). *E-mail:* <roneit@outlook.com>

\*\* Professora no curso de Pós-Graduação na área de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Comunicação Social pela PUCRS (2011). Mestre em Comunicação Social pela PUCRS. Graduação em Jornalismo pela Unisul. *E-mail:* <roberta\_manica@yahoo.com.br>

Revisão técnica e ortográfica: Ronei Teodoro da Silva

Data da submissão: 7/6/2016

Data da aprovação: 8/7/2016

## ABSTRACT

In recent years, it can be seen a proliferation of works that are intended to investigate the communication processes on the Internet, especially those facing the prospect of Computer Mediated Communication (CMC) from cyberspace area. However, there is a lack of theoretical development in the use of the term *mediation* and a better approximation of these researches with the conceptual constructions already made it at the cultural studies scope. To do this, we follow the methodological procedures recommended by the literature research, seeking to map the most recent and/or relevant discussions around the subject, in order to discuss the issue and aiming a discussion that could help draw some theoretical notes. Finally, we propose a theoretical and methodological approach that can assist who want to produce researches in this field.

**Keywords:** Mediation. Cyberspace. Cultural studies. Communication.

## Introdução

Ao refletirmos sobre os processos de comunicação no ambiente *online*, deparamo-nos com um imbróglio teórico em torno do termo *mediação*. No âmbito dos estudos ciber culturais, segundo Davallon (2007), a utilização desse conceito popularizou-se de tal modo que sua utilização tornou-se banalizada e distante de uma maior reflexão científica. De outro, encontramos, nos estudos culturais, uma avançada discussão sobre o termo, relacionando-o à produção de significados e interpretação dos sentidos. A questão que se levanta neste artigo refere-se ao fato de ambas as áreas produzirem pesquisas que teorizam sobre processos de comunicação na internet, porém sem que haja uma visão integrada do conceito de *mediação*. Portanto, poderíamos convergir os conhecimentos sobre a mediação dos trabalhos embasados nas teorias dos estudos culturais com os dos ciber culturais?

O conceito parece ser um coringa teórico, capaz de englobar dimensões sociais, semióticas, culturais e técnicas. É possível identificar uma pluralidade de seu uso em pesquisas onde não há uma preocupação em defini-lo, ou, ao menos, posicionar-se diante de diversas correntes teóricas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é propor um levantamento teórico que avance o debate, traçando um pensamento crítico sobre as contribuições de cada área.

## Procedimentos metodológicos

Os procedimentos que guiaram a obtenção dos dados a este trabalho baseiam-se, essencialmente, numa pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) focada nas áreas dos eEstudos ciber culturais e culturais. Para tanto, foram eleitos quatro locais de coleta: o portal de periódicos da Capes; as produções intelectuais publicadas na plataforma Sucupira; a biblioteca eletrônica de periódicos SciELO; e a pesquisa em revistas acadêmicas, proporcionada pelo mecanismo de busca oferecido pelo Google Acadêmico.

Em cada uma dessas instâncias, realizamos buscas a partir dos termos: *mediação*, *mediação na internet*, *comunicação mediada pelo computador*, *mediação e estudos culturais*, *mediação e ciber cultura*. Priorizamos os trabalhos publicados na última década, a fim de selecionar as discussões mais recentes de ambas as áreas. A exceção ocorreu quando uma obra anterior a esse período era muito citada nos materiais observados e compartilhava diversas semelhanças com o tema proposto por esse artigo. Também apenas incluímos, no escopo dessa pesquisa, livros, artigos publicados em revistas acadêmicas com avaliação acima de B1, materiais publicados na Compós, teses e algumas dissertações (somente aquelas que tivessem um aprofundamento teórico e analítico satisfatório). Após o cumprimento dessa etapa, avaliamos as pesquisas seguindo um roteiro preestabelecido (Quadro 1), que tinha como objetivo categorizar os tipos de trabalho antes de uma avaliação mais aprofundada do texto. Essa etapa não era eliminatória, mas, caso fosse percebido que algum trabalho não tinha condições de seguir adiante, seja por um afastamento muito grande da discussão com aquilo que se pretendia investigar, seja por falta de rigor teórico, o mesmo era descartado.

### Quadro 1 – Roteiro de avaliação dos trabalhos

Pergunta	Sim	Não
1. O estudo relaciona-se com as áreas da ciber cultura ou dos estudos culturais?		
2. Há uma preocupação em investigar as interações e/ou processos comunicacionais no ambiente <i>online</i> ?		
3. Há presença do termo <i>mediação</i> ?		
4. Há uma preocupação em definir o termo <i>mediação</i> ?		
5. O trabalho articula o termo com alguma teoria?		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Logo após, realizamos uma leitura criteriosa, avaliando: a) qual era a contribuição que o trabalho procurava trazer ao campo; b) que perspectivas teóricas eram abordadas; c) quando o termo mediação era mencionado, que sentido era possível atribuir ao mesmo; e d) se havia uma preocupação em definir tipos diferentes de mediação. A partir disso, criamos uma espécie de *mapa* teórico, de modo a categorizar o uso do termo mediação nas áreas determinadas e consoante o objetivo deste artigo.

## Tensionando o conceito de *mediação* nos estudos ciberculturais a partir da perspectiva dos estudos culturais

No levantamento feito por Knewitz<sup>1</sup> (2010), é possível observar a dificuldade que diversos pesquisadores têm de aliar a temática da cultura à da tecnologia. Pelo que se pode observar, de um lado os estudos culturais tendem em deixar o envolvimento das pessoas com o conteúdo *online* em segundo plano, enquanto os ciberculturais acabam não dando a devida atenção aos contextos socioeconômico e cultural dos processos comunicacionais. Scolari (2008) também já havia assinalado esse problema, afirmando não haver uma aproximação das teorias da comunicação com as totalmente focadas no mundo virtual.

Esse distanciamento entre as duas correntes teóricas parece se agravar quando o assunto é *mediação*. A área dos estudos ciberculturais teoriza, por exemplo, sobre diversos tópicos que relacionam as práticas sociais aos processos de comunicação na internet, principalmente no que se refere à convergência das mídias, à transformação e tendências dos meios tecnológicos e ao fluxo de informações em rede. (SANTAELLA, 2010). Todos esses tensionamentos já produziram grandes avanços para o campo científico, porém a questão da mediação no espaço *online* ainda precisa de uma discussão mais aprofundada.

Os estudos ciberculturais, principalmente na perspectiva da CMC, tratam a mediação a partir dos tipos de interação proporcionados nesse local. À mediação, nesse campo de estudo, é correntemente atribuída a noção de *interação intermediada*, numa lógica da epistemologia *behaviorista* de estímulos e respostas. Essa visão, contudo, é dependente de um modo tecnicista de ver a realidade. Outro sentido usualmente atribuído é a de *meio*, uma espécie de enfoque condutivista da informação, quando o computador ou a internet assume puramente o papel de mídia.

<sup>1</sup> A autora analisou diversas pesquisas que tinham como objetivo investigar os temas: recepção, audiência e internet.

Muitos trabalhos da área usam o termo como um ponto de partida para complexificar outras questões. Nesse sentido, podemos destacar as publicações de Recuero, que trabalha com a noção de *mediação na internet* a partir das discussões sobre capital e laços sociais presentes nas redes (2012a), conexões entre os atores sociais no ambiente *online* (2012b) e processos de conversação praticados nos computadores e mídias sociais (2009). Outros trabalhos como os de Bissolotti et al. (2014), Rodrigues (2013) e Cajazeira (2013) atribuem ao termo a noção de *intermediação*, algo que, de acordo com Signates (2003), não dá conta de expor toda complexidade que o conceito possui.

Segundo o autor, esse enfoque resume a mediação ao papel do computador de intermediário entre grupos e instituições sociais. O entendimento de mediação, como intermediação, acabou sendo base para os trabalhos de Primo (2003), que separa os processos de comunicação em interação mútua e reativa; Stefik (1997), que organiza os usos do computador pelo usuário em quatro formas (biblioteca digital, meio de comunicação, comunidade virtual e mercado eletrônico); Jungblut (2004), no que se refere à atemporalidade da informação na internet; Recuero (2007), no trabalho sobre como a informação fragmentada disposta no ambiente virtual permite um contínuo acesso a dados postados em outros locais ou momentos; Marcuschi (2006) que volta seu pensamento para questões como os limites tecnológicos que a interação enfrenta na internet; e Herring (1999) que fala sobre as construções linguísticas específicas proporcionadas pelas ferramentas conversacionais disponíveis na CMC. Algumas pesquisas (VAZ, 2001; CHAVES, 2002) avançaram tanto na lógica tecnicista que sequer consideram o indivíduo: falam, por exemplo, em *taxa de mediação*, referindo-se à capacidade do meio de proporcionar um ambiente mais ou menos interativo; ou ainda como o meio reconfigura a cultura, como se fosse algo separado do mundo social.

O problema é que o fenômeno da mediação – principalmente na perspectiva dos

estudos culturais – tem desdobramentos mais amplos do que previstos nessas pesquisas. As noções de *interação intermediada* e *conversação* da CMC serviram de base para pavimentar o pensamento sobre mediação de forma isolada, sem levar em conta a transversalidade do processo. Por mais que o receptor assuma um papel exclusivamente passivo (em termos de produção de conteúdo), o processo que envolve os meios e a audiência é complexo, o que se refletirá nos tipos de mediação que poderão ser acionados.

Por isso, torna-se necessário problematizar a noção de mediação trabalhada nos estudos ciberculturais. Isso não invalida as concepções já estruturadas, por exemplo, nas pesquisas citadas; pelo contrário, ao complexificarmos

o conceito, novos desdobramentos e conexões poderão ser feitas, ampliando a visão da área sobre suas próprias conclusões.

Nesse sentido, Davallon (2007) até tentou fazer um aprofundamento maior do termo, analisando trabalhos das ciências da informação e da comunicação com o objetivo de verificar os diferentes significados atribuídos ao conceito em pesquisas nessas áreas. O autor exemplificou o emprego do termo em: *uso comum* – pressupõe um conflito e comporta uma ideia de conciliação ou de reconciliação, relativamente pouco presente nas pesquisas coletadas; *uso corrente secundário* – a ação de servir como intermediário ou de ser o que serve de intermediário (como vimos nos exemplos citados acima de intermediação); o *uso operário* – como conceito para designar, descrever ou analisar um processo específico (o autor aponta que é nesse uso que a definição mais varia). Dentro do uso operário, encaixariam-se a noção de *mediação midiática*, para designar o papel da mídia; e o de *mediatização*, colocando o mediador na posição de terceiro. Seguindo, ainda haveria a *mediação pedagógica*, uma relação das interações educativas entre aprendiz e saber (os formadores assumiram o papel, então, de *intermediadores* entre o conhecimento e os aprendizes). Há ainda a *mediação cultural*, que englobaria os saberes da estética, da arte, da cultura, dos saberes, numa abordagem muito mais teórica.

Segundo Davallon (2007), essa definição de mediação também pode ser reconhecida como *mediação dos saberes* ou *da informação*, que abrangeria os aspectos sociais e semióticos da comunicação. O autor também cita a *mediação institucional*, que reuniria uma série de outros empregos do termo, tais como concepção política e sociológica. Por fim, a ideia de *mediação técnica*, que se referiria à análise dos usos das tecnologias.

Estruturalmente, o trabalho de Davallon (2007) apresenta dois problemas: comparar os estudos da ciência da informação aos da comunicação e definir o conceito de mediação somente a partir dos usos, sem relacionar suas conclusões às teorias que tradicionalmente já trabalham com o termo há mais tempo. Com relação ao primeiro caso, ao aproximar a ciência da informação aos estudos em comunicação, o autor associa os saberes de duas ciências que possuem métodos e agendas de pesquisa distintos. Além disso, não há um consenso no Brasil sobre a relação entre ciência da informação e biblioteconomia.

Segundo Dias (2000), os profissionais que atuam na área são constantemente chamados a explicar o que, de fato, seria ciência da informação. Segundo o autor, há uma resistência no País em enquadrar ambas as áreas numa só. Exemplo disso é a recusa dos conselhos profissionais de bibliotecários em aceitar o registro dos pós-graduados em ciência da informação que não possuam graduação em biblioteconomia. Souza (2007) faz referência à multidisciplinaridade das ciências da

informação, enquadrando-a em algo *entre* biblioteconomia e ciência da computação. Para a autora, os laços com a comunicação são mantidos *parcialmente* por meio de canais formais e informais, em grupos distintos de pesquisadores que se propõem a fazer uma ligação entre as duas ciências em suas pesquisas. Portanto, por não haver um entendimento maior entre os estudiosos da área sobre o lugar que a ciência da informação ocupa nas discussões que envolvem conceitos trabalhados pela comunicação, talvez essa não seja a melhor opção de fonte teórica para os estudos sobre mediação.

O segundo problema é ignorar a produção já realizada pelos estudos culturais, especialmente na perspectiva da recepção, onde há uma extensa bibliografia dedicada quase exclusivamente a conceitualizar o fenômeno da mediação. Há, nessa área, uma preocupação em analisar profundamente os fenômenos socioculturais a partir dos sentidos dados pela recepção no seu ambiente doméstico e cultural. Essa orientação colaborou para que se rompesse com o pensamento funcionalista, questionando a passividade do receptor, sendo múltipla a produção de sentido sobre a mensagem, independentemente do significado dado na emissão. A essa negociação, nos diversos polos da sociedade, se atribui o conceito de mediação.

A obra *Dos meios às mediações*, de Martín-Barbero (2013)<sup>2</sup> é considerada um texto-base no que se refere à teoria sobre mediações. O autor propôs que a comunicação seja estudada a partir de processos que a atravessam, nos locais onde se dá o embate entre meio e audiência, nos quais se estabelece a noção de realidade e a apropriação de sentidos. Para tanto, introduz a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural como instâncias mediadoras. De acordo com Orozco (1998), isso possibilitou que os conceitos e fenômenos pudessem ser investigados com base nas interferências que neles se manifestam, tornando-se construções relacionais, dinâmicas e negociadas, ao invés de serem entendidos como verdades absolutas, fixas e deterministas.

Martín-Barbero (2013), recentemente, incluiu, no prefácio de seu livro, um esquema para entender como a negociação de sentido se dá nas sociedades contemporâneas (Figura 1). É um mapa conceitual, dividido em dois eixos principais: o diacrônico (deslocamento entre as *Matrizes Culturais* e os *Formatos Industriais*) e sincrônico (movimento entre as *Lógicas de Produção* e as *Competências de Recepção* – ou Consumo). As *Matrizes Culturais* concatenam a produção hegemônica da comunicação, de acordo com as transformações tecnológicas e os interesses capitais. Nos *Formatos Industriais*, são identificadas as características discursivas, narrativas ou

<sup>2</sup> Originalmente lançada em 1987.

textuais e suas transformações em discursos, gêneros e programas. Nas *Lógicas da Produção*, está a preocupação com os interesses do Estado, políticos e econômicos; a regulação do mercado; e as demandas da recepção. Por fim, nos espaços das *Competências de Recepção/Consumo*, encontram-se as práticas sociais que oportunizam a produção de sentido.

**Figura 1** – Mapa das mediações



Fonte: Adaptado de Martín-Barbero (2013, prefácio).

Os tensionamentos existentes entre os polos configuram as mediações comunicativas da cultura (JACKS, 2008), divididas em: *sociabilidade*, *ritualidade*, *tecnicidade* e *institucionalidade*. A *sociabilidade* se estabelece no cotidiano, vinculando a tradição cultural ao modo como os receptores relacionam-se com a cultura massiva. Essa categoria permite analisar o cenário em que a subjetividade e as identidades são construídas, as vinculações dos indivíduos com o mundo social. A *ritualidade* media a relação da audiência com os meios, mobilizada pela memória dos receptores, a partir das suas socializações (BERGER; LUCKMANN, 1985) e os formatos industriais utilizados pelos meios. Regula a interação entre as práticas de recepção a partir dos formatos da produção. A *tecnicidade* relaciona as inovações inerentes ao campo da produção e o modo como elas afetam as linguagens midiáticas. Ao transformar o material discursivo e o ambiente onde ele ocorre, promove novas práticas sociais. Por fim, a *institucionalidade* refere-se à produção de discursos públicos que tendem

a atender às lógicas hegemônicas dos interesses privados, mesmo que atuem sobre ideais contraditórios. Segundo Jacks (2008), a institucionalidade pode ser pensada a partir da relação entre dois regimes: o estatal, que estabelece os meios como serviço público e o *mercadológico*, que utiliza os meios dentro de uma perspectiva comercial.

A partir das teorizações de Martín-Barbero (2013), Orozco (1991) procurou não apenas definir o conceito, mas também avaliar suas possibilidades descritivas de forma a categorizá-lo em seus múltiplos aspectos. Sua busca epistemológica reuniu a teorização da mediação cultural de Martín-Barbero (2013) e a sua própria conceitualização de recepção e mediação como processo. Inicialmente, Orozco (1991) faz uma distinção entre os lugares onde se originam os processos estruturantes (fontes de mediação) da própria mediação, para, em seguida, desenvolver a perspectiva de *múltiplas mediações*. Segundo o autor, as fontes de mediação começam na mente do sujeito, em suas emoções e experiências, além da cultura, classe social, economia, política, idade, etnia, nos meios, nas condições situacionais e contextuais, nos movimentos sociais e nas instituições. Com base nessas considerações, Orozco (1991) apontou à existência de seis mediações: cognoscitivas, culturais, de referência, institucionais, videotecnológicas e situacionais. Mais tarde, o autor publicou o livro *Televisión y audiencias* (1996), diminuindo o número de mediações para quatro: *individual* (que uniu a cognoscitiva e a de referência), a *situacional*, a *institucional* e a *videotecnológica*. A denominação de mediação cultural cai pela justificativa de que “a cultura impregna todas elas [mediações]”. (OROZCO, 1996, p. 85).

A mediação *individual* seria a que surge do sujeito, membro de uma cultura, incluindo tanto o processamento lógico da informação quanto as crenças e os valores culturalmente estabelecidos. As fontes de mediação seriam os esquemas mentais (psicologia), repertórios ou textos (estudos culturais e literários) ou os *scripts*. A noção de *script*, de Orozco (1996), assemelha-se muito ao conceito de representação do *self*, de Goffman (1985). *Script* seria uma espécie de matriz cultural, um conjunto de diretrizes que especificam a representação generalizada daquilo que se espera dos indivíduos, o que se julga adequado fazer dependendo da situação. A definição de situação é um componente-chave para os processos de representação *goffmanianos*, por isso, mesmo que as teorizações dos dois autores tenham surgido com motivações distintas e sejam metodologicamente diferentes, ambas descrevem o comportamento do indivíduo praticamente igual. Os *scripts*, assim como a representação do *self*, seriam aprendidos por meio do processo de socialização. (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Sobre a mediação *situacional*, Orozco (1996) refere-se à situação em que a interação TV – audiência acontece. Cada cenário abarca possibilidades e limitações para o processo de recepção tanto em nível espacial como em nível da interação possível da audiência. O autor ressalta que a mediação situacional tem origem também em cenários específicos nos quais os membros da audiência interagem, como a escola, a rua, as reuniões, o lugar de trabalho, etc.

Já a mediação *institucional* parte do contexto social ao qual os indivíduos estão sujeitos ao longo de sua vida. Cada contexto oferece aos membros da audiência cenários específicos, em que o ambiente exerce um papel fundamental na forma como a mediação ocorre. Novamente, é possível fazer um paralelo com outra teoria social, as socializações *formadoras* de Berger e Luckmann (1985), para se compreender melhor como se dá essa mediação. Tais autores consideram que a noção de realidade é socialmente construída, sendo mediada pela linguagem, por meio dos ensinamentos dados em cada contexto social. Um membro de determinada sociedade, portanto, exterioriza sua visão de mundo a partir das instituições sociais com as quais ele teve contato ao longo de sua vida.

As socializações formadoras são divididas em três: primária, secundária e terciária. A primeira refere-se ao aprendizado adquirido na *instituição família*; a segunda trata da formação dada pelas *instituições de ensino*; e a última é dada no convívio social em outras instituições presentes na sociedade (igreja, econômicas, políticas, de lazer). Seríamos, portanto, na mediação institucional, induzidos a tomar parte da dialética da sociedade por meio dos aprendizados anteriores, mediante uma interpretação imediata de um acontecimento objetivo dotado de sentido. O indivíduo começa a assumir o mundo no qual os outros já vivem, ou seja, constituir sentido por meio de definições partilhadas anteriormente. Esse processo de construção e troca contribui para a reprodução de valores, normas e condutas que determinam comportamentos e atitudes, mas que também refletem, regem, modificam ou até mesmo interpretam ideologias, inseridas dentro de um contexto que está sob mecanismos estruturados em questões sociopolíticas, econômicas e culturais.

Por fim, a mediação *videotecnológica* volta-se aos meios tecnológicos<sup>3</sup> de comunicação que contam com uma série de recursos efetivos dos quais possibilitam mediar a apresentação da realidade ao sujeito receptor. Essa definição toma como base a noção de *tecnicidade* relatada por Martín-Barbero (2013), em que se percebe que as linguagens midiáticas, por meio de diferentes tecnologias, são outro agente mediador nas práticas sociais.

<sup>3</sup> A obra de Orozco (1996) está focada em recepção televisiva, mas o conceito pode ser aplicado a outras tecnologias de comunicação eletrônicas.

Como pudemos ver, os estudos culturais oferecem um arcabouço teórico capaz de auxiliar a complexificação do termo *mediação* na área dos estudos ciberculturais. Scolari (2008) é um dos primeiros autores a buscar essa aproximação, embora não estivesse muito interessado em aprofundar-se nas questões ciberculturais, criou o conceito de *hipermediação* como solução teórica que poderia ser aplicada a esse campo de estudo, com base nas mediações culturais de Martín-Barbero (2013) e das multimediações de Orozco (1991).

Vejamos, uma vez que não nos interessa tanto estudar os meios digitais, mas sim as (novas) “mediações” (Martín-Barbero, 1987), podemos dar um salto semântico adiante e refletir sobre o conceito de *hipermediação*. [...] Ao se falar em hipermediação não nos referimos muito a um produto ou um meio, mas sim a processos de troca, produção e consumo simbólico que se desenvolvem num ambiente caracterizado por um grande número de sujeitos, meios e linguagens interconectados tecnologicamente de maneira reticular entre si.<sup>4</sup> (SCOLARI, 2008, p. 114).

Scolari (2008) afirma que, ao se referir à hipermediação, não resume o conceito apenas a uma maior quantidade de meios e sujeitos, mas às novas configurações proporcionadas pelo meio digital. Para distinguir hipermediação e mediação, de autor estabelece: a informação em forma de *bits* facilita sua manipulação, reprodução e a convergência entre linguagens; a tecnologia digital potencializa e evidencia algo que antes somente se via na teoria; o receptor entra na dimensão do usuário, que é capaz de colaborar com a produção e criação das informações; e, por fim, as construções sociais, com suas tensões e conflitos, não dependem mais do espaço geográfico delimitado, pois acontecem num território virtual (Quadro 2).

<sup>4</sup> Ahora bien, dado que no nos interesa tanto estudiar los medios digitales sino las (nuevas) “mediaciones” (Martín-Barbero, 1987), podemos dar un ulterior salto semántico y reflexionar sobre el concepto de hipermediación. [...] Al hablar de hipermediación no nos referimos tanto a un producto o un medio sino a procesos de intercambio, producción y consumo simbólico que se desarrollan en un entorno caracterizado por una gran cantidad de sujetos, medios y lenguajes interconectados tecnológicamente de manera reticular entre sí.

## Quadro 2 – Características das mediações e hipermediações

Mediação	Hipermediação
<b>Características do processo</b>	
Suportes analógicos	Suportes digitais
Estruturas textuais lineares	Estruturas textuais reticulares
Consumidor ativo	Usuário colaborador
Baixa interatividade com a interface Modelo de difusão “um a muitos”, fundado no <i>broadcasting</i> (rádio, televisão e imprensa)	Alta interatividade com a interface Modelo de difusão “muitos a muitos”, fundado na colaboração (wikis, blogs, etc.)
Confluência/tensão entre massivo e popular	Confluência/tensão entre o reticular/colaborativo e massivo
Monomедialidade	Multimedialidade
<b>Características de investigação</b>	
Estudam-se a telenovela, o teatro popular, os produtos informativos, os grafites, entre outros.	Estudam-se a confluência de linguagens e a apropriação de novos sistemas semióticos.
Um olhar desde o popular (se investiga o processo de construção do massivo desde as transformações das culturas subalternas).	Um olhar desde o participativo (se investiga a convergência dos meios e de apropriação de novas lógicas colaborativas).
Espaço político territorial (constituição deslocada do nacional-moderno).	Espaço político virtual (constituição deslocada do global pós-moderno).

Fonte: Adaptado de Scolari (2008, p. 116).

Podemos considerar as definições de Scolari (2008) como um avanço na aproximação dos estudos culturais e dos ciberculturais, embora apresentem, ainda, algumas fragilidades. A ideia de *usuário-colaborador* não pode ser separada da de *consumidor*, pois ainda há uma relação de consumo em ambos os casos. A relação entre produção e recepção é bastante complexa para se afirmar que somente com a tecnologia atual o consumidor passou a envolver-se ativamente nos processos de produção. As negociações entre meio e recepção já são previstas nas mediações culturais, não podendo, portanto, ser tratadas como algo novo no âmbito da cibercultura. Porém, a noção de colaboração constante e ativa, num único espaço e o modelo de difusão de muitos para muitos são grandes progressões no que tange a problematizar as mediações na internet.

Antes de finalizarmos esta etapa da discussão, é necessário debater sobre a questão da *transmediação*. Essa definição parece ter origem no conceito de *transmídia* exposto por Jenkins (2009). Para o autor, o conteúdo *transmidiático* compreende a noção de construção compartilhada, onde há uma constante expansão de uma mesma história, com a participação de diversos agentes no processo de produção. O problema é que Jenkins (2009) não está se referindo à *transmediação*, mas à *transmídiação*. No entanto, o termo *transmediação* parece vir se popularizando, sendo usado em diversos trabalhos (como em: Cristóvão (2014); Tondato (2011);

Figueroa e Fechine (2010); Kornis (2015)). Muitos desses citam o conceito a partir das definições de Orozco e Lopes (2010) e Fechine (2009). Ao analisarmos como o conceito é trabalhado por esses autores, percebemos não se tratar de uma nova definição para mediação, mas uma referência direta à transmediação.

Este ano o tema escolhido foi o da Transmediação na Ficção Televisiva, acompanhada em cada um dos nove países. [...] O fenômeno da *transmedia storytelling* é nosso foco de atenção. Entendemos por isso a proliferação (dependendo de cada país) das narrativas televisivas ficcionais em diferentes meios (cinema, internet, TV, celular, DVD, videogames), diversas plataformas (TV aberta, cabo ou satélite) e formatos distintos (telenovela, série, minissérie, obra de teatro, *show* ao vivo), acompanhada da irrupção dos fãs que desde a audiência buscam criar suas próprias narrativas a partir da ficção proposta, rompendo com a dualidade receptores/emissores.<sup>5</sup> (OROZCO; LOPES, 2010, p. 18-19).

Ou ainda,

Forjado no contexto da cultura digital, o conceito de transmediação envolve formas culturais que já são concebidas para a circulação, operando a partir da lógica da *co-criação* propiciada pelos desdobramentos possíveis do universo ficcional proposto. Na prática, os fenômenos de transmediação bem-sucedidos têm sido aqueles nos quais cada mídia dá uma contribuição ao sistema narrativo como um todo, mantendo, no entanto, sua autonomia. Idealmente, a narrativa proposta por cada meio deve fazer sentido tanto para os espectadores que tomam contato com aquele universo ficcional pela primeira vez por meio de uma determinada mídia quanto para aqueles outros que buscam aquele universo ficcional em múltiplas mídias. (FECHINE, 2009, p. 35).

Embora pareça haver um equívoco de tradução – ou nem isso, já que em Portugal *media* não é traduzido como mídia, mas *média* – a concepção de multiprodução, entendendo a relação dos fãs de criar e ressignificar o conteúdo ficcional é algo bastante pertinente na lógica da circulação da

<sup>5</sup> Este año el tema ha sido la Transmediación de la Ficción Televisiva, acompañada en cada uno de los nueve países. [...] El fenómeno de *transmedia storytelling* ha sido nuestro foco de atención. Entendiendo por ello esa proliferación (dependiendo de cada país) de las narrativas ficcionales televisivas en diferentes medios (cine, internet, TV, celular, DVD, videojuegos), diversas plataformas (TV abierta, de cable y satelital) y distintos formatos (telenovela, serie, miniserie, obra de teatro, *show* en vivo), acompañada de la irrupción de fans que desde la audiencia buscan crear sus propias narrativas a partir de la ficción propuesta, rompendo esa dualidad receptores/emisores.

mensagem. Jenkins (2013), ao atualizar sua teoria, coloca três condições que devem ser observadas toda vez que se falar em *transmediação*: a intertextualidade radical (possibilidade de um produto surgir em um meio e se multiplicar em locais distintos e formatos diferentes); a multimodalidade (o encontro de diferentes meios de comunicação e os desafios e as limitações inerentes a cada modo); e a participação do consumidor (o engajamento capaz de criar uma relação com os fãs no momento em que os mesmos têm a oportunidade de colaborar com o processo).

Se os conceitos de *hipermediação* e *transmediação* apresentam problemas para tratar da *mediação na internet*, o modelo de Martín-Barbero (2013) reserva um lugar especial à tecnologia, no que diz respeito às tecnicidades, assim como Orozco (1996), com relação às mediações videotecnológicas, podendo ser essas teorias assimiladas nos estudos de comunicação no ambiente *online*. A proposta deste artigo é sugerir uma aproximação dos conhecimentos produzidos pelos estudos culturais dos ciberculturais de forma integrada, já que essas perspectivas teóricas voltam seus esforços à compreensão de fenômenos similares. Ao incluirmos uma perspectiva multidimensional, que partilha influências com acontecimentos de outras esferas da sociedade, evitamos presunções que se assentam demasiadamente no tecnicismo. Desse modo, propõe-se um ponto de intersecção, fundamental para uma visão menos unilateral, assim como defendido por Natansohn (2007, p. 3): “Uma compreensão ampla do fenômeno dos usos, das leituras e do consumo da *Web* exige [...] aproximar tradições de pesquisa bastante diversas.” A incorporação da noção de mediações de cunho tecnológico nos estudos ciberculturais possibilitará um aproveitamento teórico-metodológico que resultará num avanço para ambas as áreas.

## Considerações finais

Os dados apresentados neste artigo mostram como há uma pluralidade de pesquisas orientadas às práticas sociais na internet. De um lado, no âmbito dos estudos ciberculturais, o foco concentra-se mais no fluxo e na organização das informações nesse meio. De outro, no campo dos estudos culturais, a preocupação reside mais na ressignificação do conteúdo pela recepção, fazendo uma forte relação com o contexto em que essa se encontra. Shirky (2009) já alertava sobre a tendência atual da audiência de migrar seu consumo midiático para a internet, sendo, então, possível prever um entrelaçamento ainda maior da produção dessas duas correntes teóricas.

Por possuírem um maior aprofundamento na reflexão sobre o fenômeno da mediação, os estudos culturais mostram-se a alternativa mais viável com base teórico-metodológica para a análise da circulação das mensagens no ambiente *online*. Já os trabalhos na área da cibercultura mostram que

esse local possui características que o distinguem de outros campos de pesquisa, por isso, os estudos que se preocupam em avaliar as peculiaridades do sistema são vitais aos estudiosos, pois promovem diretrizes que facilitam a seleção, organização e classificação dos dados.

A questão da *tecnicidade*, proposta por Martín-Barbero (2013) parece ser uma das formas de aproximar esses dois campos, pois, por ela, poderíamos identificar as práticas sociais proporcionadas pelas tecnologias de comunicação eletrônica. Em outras palavras, é possível investigar como a linguagem midiática se estabelece e que oportunidades de interação são proporcionadas no ambiente virtual. Combinada com a *ritualidade*, se identificaria como o espaço de interação promovido pelas conexões que afetam as práticas da audiência, principalmente no que se refere ao consumo.

Os processos de interação são permeados por essas duas mediações, mas estão organizados de acordo com o fluxo determinado pelos estudos ciberculturais. Desse modo, ao aplicarmos as categorizações de mediação de Orozco (1998), identificaremos a forma como as matrizes culturais se manifestam nos indivíduos (mediações individuais), as situações de interação da audiência no ambiente virtual (mediações situacionais), as instituições presentes nos discursos (mediações institucionais) e as linguagens midiáticas acionadas (mediações videotecnológicas).

Diante disso, propõe-se uma maior integração dos estudos, incorporando a *expertise* das tecnologias de comunicação da cibercultura com a tradição teórica dos estudos culturais. Acreditamos que, ao ampliarmos a visão dos estudos de mídia, estaríamos flexionando o campo, permitindo, assim, a reconfiguração contínua das suas fronteiras e dos problemas, transformando os estudos *online* e *offline* numa só área.

## Referências

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento por Peter Berger e Thomas Luckmann. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BISSOLOTTI, Katielen; NOGUEIRA, Hamilton; PEREIRA, Alice Theresinha Cybis. Potencialidades das mídias sociais e da gamificação na educação a distância. *CINTED – Novas Tecnologias na Educação*, v. 12, n. 2, dez. 2014.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Lins. As interações do público no telejornal com o uso das redes sociais. *Revista Científica Ciência em Curso*, Palhoça, SC, v. 2, n. 1, p. 59-70, jan./jun. 2013.

CHAVES, Cláudia. Internet e perspectivas futuras da comunicação. *Mediação*, Belo Horizonte, n. 2, out. 2002.

CRISTÓVÃO, Cláudia Morgado. A transmediação de conteúdos jornalísticos: uma análise da SIC Notícias Interativa. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação, Cinema e Televisão) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? *Prisma. Com* – revista de Ciência da Informação e da Comunicação do CETAC, n. 4, p. 1-34, jun. 2007. Disponível em: < <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/645/pdf> > . Acesso em: 21 fev. 2016.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. *Perspectivas em Ciências da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

FECHINE, Yvana. Transmediação na produção ficcional do núcleo Guel Arraes: a lógica da familiaridade em novas formas culturais. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 18., 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2009.

FIGUEROA, Alexandre; FECHINE, Yvana. Cinema e televisão no contexto da transmediação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Org.). *História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 281-311.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

HERRING, S. C. Interactional coherence in CMC. *Journal of computer-mediated communication*, v. 4, n. 4, 1999. Disponível em: < <http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html> > . Acesso em: 14 jan. 2008.

JACKS, Nilda. Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 10, n 2, 2008.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. Searching for the Origami Unicorn: the matrix and transmedia storytelling In *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*, p. 93-130, 2013. Disponível em: < <http://www.citeulike.org/group/17556/article/11877348> > . Acesso em: 4 abr. 2016.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

KNEWITZ, Ana Paula. A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de zerohora.com. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – UFRGS, Porto Alegre, 2010.

KORNIS, Mônica Almeida. Da televisão para o cinema: paródia e memória da ditadura militar brasileira. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 163-177, set./dez. 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2013.

NATANSOHN, Graciela. O que há e o que falta nos estudos sobre recepção e leitura na Web? *E-compós*, v. 10, n. 3, p. 1-16, dez. 2007.

OROZCO, Guillermo Gómez. Recepción televisiva: tres aproximaciones e una razón para su estudio. *Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales*, México: Universidad Iberoamericana, n. 2, 1991.

OROZCO, Guillermo Gómez. *Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo* – UIA. Buenos Aires: Ediciones de la Torre, Universidad Iberoamericana, 1996.

OROZCO, Guillermo Gómez. De las mediaciones a los medios: contribuciones de la obra de Martín-Barbero al estudio de los medios y sus procesos de recepción. In: TOSCANO, Maria Cristina; REGUILLO, Rossana. *Mapas nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Santa Fé de Bogotá: Siglo del Hombre, 1998. p. 91-101.

OROZCO, Guilhemo Gómez; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Convergencias y transmediación de la ficción televisiva*. São Paulo: Globo; Obitel, 2010.

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/4751>>. Acesso em: 11 maio 2012.

RECUERO, Raquel. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea: Comunicação e Cultura*, v. 10, n. 3, set./dez. 2012.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. *Metamorfozes jornalísticas*, 2, 2012b. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 38, abr. 2009.

RECUERO, Raquel. Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2007, Passo Fundo – RS. *Anais...* Passo Fundo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://200.204.77.119/multevento/intercom/2007/sul/cdrom/cd/resumos/R0464-1.pdf>> Acesso em: 3 dez. 2015.

RODRIGUES, Adriana Alves. Redes sociais e manifestações: mediação e reconfiguração na esfera pública. In: SOUZA, Cidoval Moraes de; SOUZA, Arão de Azevêdo. *Jornadas de junho: repercussões e leituras*. Campina Grande – PB: Edupeb, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo, SP: Paulus, 2010.

SCOLARI, Carlos. *Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva*. Barcelona: Gedisa, 2008.

SHIRKY, Clay. *Here comes everybody: how change happens when people come together*. London: Penguin Books, 2009.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos em comunicação. *Revista Novos Olhares*, São Paulo: Edusp, n. 12, 2003.

SOUZA, Maria da Paixão Neres de. Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). *Para entender a ciência da informação*. Salvador: Edufba, 2007.

STEFIK, Mark J.; CASEY, Michalene M. System for controlling the distribution and use of digital works. 1997. Disponível em: <<https://docs.google.com/>

viewer?url=patentimages.storage.googleapis.com/pdfs/US5629980.pdf> .  
Acesso em: 5 nov. 2015.

TONDATO, Marcia Perencin. A recepção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional. *Revista Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 12, n. 23, p. 11-20, 2011.

VAZ, Paulo. Mediação e tecnologia. *FAMECOS*, Porto Alegre, n. 16, dez. 2001.

